

## Tradição Oral

# A Tradição Oral Africana na Música Popular Brasileira Contemporânea

André Sampaio\*

“A milenar arte da oralidade difunde as vozes ancestrais,  
procura manter a lei do grupo,  
fazendo-se, por isso, um exercício de sabedoria”.  
(Laura Cavalcante Padilha)

O Brasil, como já se sabe, oferece desde muito tempo, um caldeirão cultural que serve de fonte inspiradora para os vários seguimentos artísticos \culturais para o mundo inteiro. A própria Bossa Nova que completa seus cinquenta anos de idade é ouvida em todos os continentes. A música brasileira consegue levar para longe e de certa forma protege aquilo que há de mais rico da nossa cultura, a grande mistura que faz da gente um país pluri-cultural, pluri-racial, pluri-musical.

A música esteve presente e ainda se mantém presente em vários momentos importantes dentro das grandes transformações vividas no Brasil. Por um lado como mero entretenimento e por outro, como arma nas lutas por uma sociedade mais justa, sendo dessa maneira fundamental na aquisição de alguns avanços políticos e sociais. A música consegue expressar certos desejos, anseios, devaneios ou até mesmo liderar gerações sem causar muito estardalhaço e assim pode ser utilizada simplesmente como algo que faz bem a alma ou também pode servir como grande aliada na realização dos sonhos de cada povo.

Hoje, porém, devemos ficar atentos, pois há de certa maneira, uma pequena preocupação de alguns compositores em manter esse status tão importante que a música possui. Contudo, grandes nomes da MPB continuam fazendo da música um caminho que faz história, que protege elementos que fazem parte de nós, que recontam nossa trajetória misturando elementos que são essenciais para a saúde de uma sociedade, que

tem que encarar todos os dias, com cenas que fazem esquecermos o verdadeiro motivo de estarmos por aqui. A música em muitos momentos, acalma aflições, cura feridas, faz esquecer a dor, relembra momentos importantes, celebra outros mais.

Quem de nós ao escutar uma certa música não relembra um grande amor, um grande amigo ou um momento especial?

Eu mesmo, quando criança, ficava encantado ao ver videoclipes da cantora Clara Nunes



e lembro disso até hoje. Desde cedo, muito cedo por sinal, fui envolvido pelos agogôs e tambores da música “ljexá” trazidos pela grande intérprete citada. Assim foi meu primeiro contato aos três anos de idade com a cultura oral africana encontrada na música popular brasileira. E de tal modo cresci ouvindo outros cantores que fizeram de mim um pesquisador da cultura africana e afro-brasileira. A música tem um papel tão importante que no meu caso, formou a

estrutura daquilo que sou.

A cultura africana é cantada e reinterpretada por grandes intérpretes brasileiros como Maria Bethânia, Virginia Rodrigues, Elis Regina em grandes composições de Toquinho e Vinicius de Moraes, Roberto Mendes e Ordep Serra, Ythamar Tropicália Rey Zulu, Doryval Caymmi, entre outros. Essas músicas tocam nas grandes rádios nacionais, entram no cotidiano das pessoas trazendo um rico manancial cultural que em muitos casos só é conhecido por adeptos ou simpatizantes da cultura africana no Brasil.

Os mitos yorubás, que são narrativas vividas pelos orixás, são reinterpretados através de algumas composições de grande circulação dentro do país. Maria Bethânia é uma dessas intérpretes que canta os mitos dos orixás. Em sua discografia encontramos várias músicas que reforçam essa tradição de passar através do oral, mesmo que cantado,



a cultura africana e afro-brasileira. Músicas como “Louvação a Oxum”, “As Yabás”, “Dona do Raio: o vento” fortificam e perpetuam essas histórias cheias de poesia e sabedoria. Vejamos um exemplo no trecho da música “Dona do Raio: o vento”:

“É vista quando há vento e grande vaga  
Ela faz um ninho no enrolar da fúria e voa firme e certa como bala  
As suas asas emprestam à tempestade  
Quando os leões do mar rugem nas grutas  
Sobre os abismos, passa e vai em frente  
Ela não busca a rocha, o cabo, o cais  
Mas faz da insegurança a sua força e do risco de morrer, seu alimento  
Por isso me parece imagem e justa  
Para quem vive e canta num mau tempo (...)”

Outro trecho de uma outra música, “Louvação a Oxum” retrata a beleza que esses mitos carregam consigo:

“Kerêô declaro aos de casa que estou chegando  
Quem sabe venha buscar-me em festa  
Orarei a Oxum  
Que adoro Oxum, sei que sim  
Xinguinxi comigo

Oxum que me cura com água fresca  
Sem gota de sangue  
Dona do oculto, a que sabe e cala  
No puro frescor de sua morada  
Oh! Minha mãe, rainha dos rios  
Água que faz crescer as crianças  
Dona da brisa de lagos  
Corpo divino sem osso nem sangue (...)”

Virginia Rodrigues, uma cantora da nova geração, mais conhecida fora do país, também faz da música um mecanismo de manter viva a tradição yorubá e conseqüentemente a tradição oral. Pois esses mitos até pouco tempo só eram encontrados nos grandes terreiros de Candomblé, contados através do oral por grandes babalorixás ou iyalorixás. A música de certa maneira, foi pioneira na popularização desses mitos chegando ao domínio de um público maior antes mesmo dos livros hoje já encontrados em livrarias. Virginia Rodrigues canta um dos mitos de Oxaguiã na composição de Ytthamar Tropicália Rey Zulu “Uma história de Ifá”:



“Cidade reluzente

Ejigbô

Cidade florescente

Ejigbô

Ele, Elejigbô

Ejigbô cidade encantada

Elejigbô sua majestade real

Ara Ketu ritual do candomblé

Exalta as cidades de Ketu e Sabé

Ferido vingou-se o homem

Utilizando os seus poderes

Passaram-se anos difíceis

Sofreram muitos seres

Os vassallos ficaram sem pastos

A fauna e flora não brotavam mais

As mulheres ficaram estéreis

A flor do seu sexo não se abrirá jamais

Ele, Elejigbô, Elejigbô, Elejigbô

Gerreiros lutaram entre si

Com golpes de vara era o ritual

Durante várias horas travou-se batalha entre o bem e o mal

Depois retornaram com o rei

Para floresta sagrada

Onde comeram a massa de inhame bem passada

Onde será comida por todos os seus

Negros homens em comunhão com Deus”.

Esses são apenas alguns exemplos da tradição oral africana que podemos encontrar na música popular brasileira contemporânea. Outros grandes nomes como Daniela Mercury, Milton Nascimento, Margareth Menezes, Rita Ribeiro, Leila Pinheiro e outros mais, fazem dessas músicas verdadeiros hinos, tamanho o sucesso. Tocam adultos, crianças, adolescentes e idosos e desta maneira diminui os grandes equívocos a cerca da religiosidade afro-brasileira, que hoje de uma forma ou de outra faz parte da cultura nacional. Durante muito tempo, elementos da cultura africana foram vistos e ainda são por uma parte da população como algo macabro, primitivo, inculto. Porém, pelas vozes desses grandes artistas nacionais podemos perceber que nem tudo está perdido. E que ao contrário de muitos outros elementos de cultura, a tradição oral africana reforça o respeito ao próximo, a natureza e a si mesmo. Outras composições avigoram essa interação e integração de que tanto precisamos, seja através da música, seja através da arte em geral. Músicas como as citadas além de relembrar momentos, de celebrar outros, de lembrar pessoas fazem com que a história não se perca diante de tantas transformações. A música também adquire o papel de manter vivo e de reorganizar elementos que poderiam ter se perdido com o tempo.

Vivemos cercados de sons, somos feitos de sons e a música institui o arranjo dos mesmos, pois a música nada mais é do que o som vindo de dentro de nós. Atabaques, tambores, agogôs, cavaquinhos, cuícas entre outros instrumentos musicais e a própria voz dão sentido a esses sons. Enlaçando a história, a cultura e a tradição, fazendo desses mesmos elementos os responsáveis pela construção de um senso de identidade comum. A música está presente nas sociedades desde muito cedo e no Brasil como em outros países em constante construção ela além de ser fonte de puro prazer, não facilita

o esquecimento de onde vimos, para onde vamos e daquilo que somos feitos. Por isso antes de qualquer coisa faça parte da música, pois a nossa história e os nossos caminhos, mesmo sendo em alguns casos oblíquos e omissos já fazem parte e estão escritos em notas musicais difundidos por ela.



**André Sampaio** é Mestrando em Letras pela Universidade Federal Fluminense – Brasil.

E-mail: [andresampaio2000@yahoo.com.br](mailto:andresampaio2000@yahoo.com.br)